

IDOLATRIA: desvio de fé e vida na crítica sapiencial

IDOLATRY: a deviation from faith and life criticised in wisdom literature

Junior Vasconcelos do Amaral^()*

RESUMO

O movimento sapiencial visa a salvaguardar a ordem do cosmo estabelecida por Deus na Criação, por isso busca levar o homem a um conhecimento de si e de Deus. A ordem de YHWH consiste em que a vida seja o canteiro fecundo no qual, pela fé, germine belas paisagens. A ética, segundo o sábio, é expressão significativa da relação teológica. Deus implica o ser humano, o sábio, a agir bem, visando à sabedoria de todos. Neste sentido, o presente trabalho procura interpretar na literatura sapiencial, em especial os Sl 113 e 115 e Sb 13-15, a fonte do desvio da verdadeira fé que conduz à verdadeira ação. A idolatria é corrupção e desvio de conduta. Assim, o sábio procura propugnar uma crítica que venha a minar a situação de pecado, gerada pela idolatria.

PALAVRAS CHAVES: Literatura sapiencial. Fé. Ética. Ordem cósmica. Idolatria

ABSTRACT

The wisdom movement aims at safeguarding the cosmic order established by God at creation. Thus, it tries to lead man to knowledge of himself and of God. YHWH's order is that life should be a fruitful plot where beautiful scenery should germinate through faith. Ethics, according to Wisdom, is the significant expression of the theological relationship. God involves the human being, the seer, in such a way that he acts with the intention of creating wisdom in all. In this sense, this present work tries to interpret in Wisdom literature, especially in psalm 113 and 115 as well as in Wisdom 13:15, the source of deviation from the true faith which leads to good conduct. Idolatry is corruption and a deviation from ethical living. Thus, the seer tries to devise a criticism which would lead to the undermining of sinfulness which arises from idolatry.

KEYWORDS: *Wisdom literature. Faith. Ethics. Cosmic order. Idolatry.*

1 MOVIMENTO SAPIENCIAL EM ISRAEL

O movimento sapiencial e as tradições de sabedoria em Israel refletem uma clara continuidade com o pensamento sapiencial por todo mundo Antigo, remontando mais de dois mil anos a partir daquela época à invenção da escrita,

^(*) Doutorando em Teologia do Programa de Pós-Graduação da FAJE. Bolsista CAPES-Propup. Mestre em Teologia Sistemática pela FAJE, Belo Horizonte E-mail: jvsamaral@yahoo.com.br

primeiro na Mesopotâmia e depois no Egito, por volta de 3.000 a.e.C. A história própria de Israel tem início por volta do século XIII a.C., com a libertação de uma minoria pequena, porém importante, o que viria a constituir o “Povo de Israel” do período da tribos, aproximadamente de 1250 a 1050 a.e.C (CERESKO, 2004, p.31). Em Israel, a sabedoria familiar e de clãs era florescente. A “sabedoria popular” evoluiu ao longo de gerações por meio da atividade parental, da preparação da nova geração, a fim de lidar com a vida e alcançar um grau de sucesso e satisfação.

Com o estabelecimento da monarquia, por volta do ano 1000 a.e.C, emerge uma nova dimensão da sabedoria israelita, marcada pelo vínculo com a palavra escrita e com a preocupação com a corte real e com o templo. Vê-se o surgimento de escolas de escribas nos palácios e no templo em Jerusalém, que vão gradativamente se tornando um centro do “pensamento sapiencial” de Israel. Há também uma abertura às tradições sapienciais vizinhas, principalmente a do Egito.

De acordo com Cordero (1967, p. 3), a noção de sabedoria, em qualquer de suas manifestações, foi considerada como um dom de Deus. Assim, José no Egito, em sua interpretação dos sonhos e boa administração dos bens, foi considerado pelo faraó como “o homem mais sábio” (Gn 41,39).

Os “sábios” religiosos do AT fundamentavam sua ciência na revelação – a tradição religiosa de Israel, da qual formavam parte as comunicações proféticas – e na experiência, iluminada pela ciência revelada. A “sabedoria” só tem valor à medida que conduz a Deus, pois o “temor de Deus” é o princípio da sabedoria. Em Jó 28,23, se define a sabedoria moral-prática: “O temor de Deus”, essa é a sabedoria; apartar-se do mal, essa é a inteligência. Tal sabedoria prática se consegue com a experiência pessoal e com os ensinamentos reiterados pela tradição, que se acumularam na ciência das gerações (Eclo 34,9s). O sábio, portanto, é convidado por Deus a encontrar a ordem em si próprio, na criação e no cosmo. A ética, neste contexto, consistiria na adequação do agir humano com a ordem cósmica, estabelecida pelo Criador (Gn 1,31).

O sábio, que se descobre na ordem do cosmo, procura adequar sua vida e suas atitudes a essa ordem cósmica. A sabedoria é *modus vivendi* daquele que, prudente e reflexivamente, age configurando sua vida à vontade do Criador (Jo 4,34). Para o sábio *tertium non datur*. Para aquele que procura a sabedoria a terceira possibilidade se torna excluída. A sabedoria, evidentemente, é processual. Seu constituir-se é contínuo e dinâmico. A ninguém se lha dispensa.

Ao lado da sabedoria subjetiva – enquanto conhecida e participada pelo homem em sua dimensão prática e teórica – está também a objetiva, tal como se manifesta em Deus. Para o narrador bíblico, “toda sabedoria vem de Deus”¹; e por sua fonte única, só ele pode comunicá-la ao ser humano. Em realidade, esta sabedoria é um atributo de Deus (CORDERO; RODRIGUEZ, 1967, p. 6) (Pr 2,6), para aquele que governa e domina tudo o que é criado. Tudo é obra de sabedoria e bondade, e as coisas são um reflexo de sua natureza transcendente como Ser vivente e ativo (Sl 104,24; Pr 3,19-20; Sb 13,1-9). Segundo Cordero, os narradores apresentam a sabedoria como arquiteta que preside a obra da Criação divina, assinalando o modo de cada ser dentro de seus términos. Deus criou todas as coisas “em número, peso e medida” (Sb 11,21). Assim o autor do Eclo (24,3-8) a descreve:

Eu saí da boca do Altíssimo e recobri a terra como névoa. Armei a minha tenda nas alturas, e o meu trono ficava sobre uma coluna de nuvens. Percorri sozinha a abóbada do céu e passei pelas profundezas dos abismos. Estendi o meu poder sobre as ondas do mar; sobre a terra inteira e sobre todos os povos e nações. Em todos eles procurei um lugar para repousar e uma propriedade onde pudesse me estabelecer. Então o Criador do universo me deu uma ordem. Aquele que me criou armou a minha tenda, e disse: “Instale-se em Jacó e tome Israel como herança”.

A sabedoria, como predicativo divino, atua nas obras, na natureza, na história e salvação da humanidade. O narrador de Sb 7,22-24 a define como “espírito inteligente, santo, ágil, imaculado, amante dos homens, onisciente... hálito do poder divino e uma emanção pura da glória de Deus onipotente” (CORDERO; RODRIGUEZ, 1967, p. 7).

2 O CULTO A YHWH NA LITERATURA SAPIENCIAL

Nos tempos de Salomão, de acordo com Cordero, formaram-se círculos de “sábios” em sua corte. Tais sábios ecoavam a grande sabedoria do monarca de Jerusalém. Em 1Rs 4,19s, se diz que YHWH concedeu a Salomão sabedoria, entendimento e grandeza de coração. A sabedoria salomônica sobrepassa a de todos os filhos do Oriente. Tal sabedoria estava ligada estritamente ao culto a YHWH, não no sentido ritual, mas existencial.

Os sábios, segundo Jr 18,18, são constituídos uma classe social junto aos sacerdotes e aos profetas, provando que, antes do exílio, em tempos glo-

¹ Ver tb. Pr 1,7; 9,10 ; Eclo 1,11-30; Jó 28,28.

riosos da monarquia, já existia a especulação sapiencial no sentido mais amplo: profano e religioso.

Para Cordero, as reformas religiosas de Ezequias e Josias parecem ter forçado estes círculos de “sábios” a relacionarem-se com o elemento estritamente religioso, como os sacerdotes e profetas. Assim, sua “sabedoria” foi se “sacralizando”, o que fez desabrochar um movimento idealmente sapiencial em tempos pós-exílicos, uma vez que desapareceram gradativamente os profetas (1967, p. 8). Destarte, pode se deduzir que os primeiros livros sapienciais falam escassamente sobre o culto a YHWH, pois pautam-se na sabedoria popular, mais rudimentar, a qual não deixa Deus e o culto de lado. O sábio é todo impregnado do *sensus fidei*. A literatura salmódica, lírico-religiosa, por sua vez, matiza mais a relação do ser humano com o Senhor.

O princípio da sabedoria está no temor do Senhor, considerado uma forma de culto a YHWH. A reverência, o respeito, a docilidade e a acolhida consituem-se atitudes próprias de quem busca a sabedoria. O sábio deseja descobrir a ordem do Universo, estabelecida pelo Criador. Há, portanto, um querer de Deus inscrito em todas as coisas. O caminho ético, fruto da verdadeira religião, vai se desdobrando a partir da atitude de reverência a Deus.

Em Eclo 34,18-35,10, Jesus Ben Sirácida desenvolve – de maneira quase profética – o sentido do verdadeiro culto a Deus. Ele condena explicitamente o uso do roubo e da injustiça para fins de enriquecimento, como também, critica aqueles que utilizam desta riqueza “maculada” para oferecer a Deus. Para ele, a verdadeira religião, o culto agradável a Deus, consistiria em viver a justiça, conformando-se à vontade do Criador. O autor não nega o valor das cerimônias litúrgicas, mas salienta que a conversão para a prática da justiça é a verdadeira religião que Deus quer. Por outro lado, o fato de reconhecer os dons de Deus faz do homem um ser grato à criação e ao próximo.

3 IDOLATRIA: OBRAS DAS MÃOS HUMANAS SL 115; 135 E SB 13-15 – EGOLATRIA

“O culto servia para cultivar a comunhão entre YHWH e Israel como povo de YHWH” (FOHRER, 1982, p. 239). Assim, o culto concedia àqueles que o frequentavam no santuário participação na esfera divina.

A idolatria, por sua vez, pode ser compreendida como o esvaziamento do culto, de seu sentido real. Deus é relativizado; o homem é absolutizado. Tal

atitude tem como nome comum: egolatria. Isto implica na reviravolta do “eu” humano em detrimento da vontade divina, colocada em último plano.

A literatura sapiencial levantar-se-á, tal qual o movimento profético, contra a realidade idólatra, que conduz à injustiça, à quebra do direito e a falta de fraternidade humana.

O Sl 115, 1-8, segundo Cordero, profissão do estrito monoteísmo, apreçoará a honra estrita ao nome de Deus, e não à das criaturas. Desse modo, se elevará um forte brado contra a idolatria e a produção de ídolos por mãos humanas. O salmista clama, pela glória do nome de YHWH, que este intervenha com urgência, atendendo a tradicional piedade e fidelidade para com Israel, que muitas vezes pôs-se pronto a salvá-lo das situações de perigo (Ex 19,18). A eleição de Israel como povo predileto entre os demais da *orbe* está na base da aliança (*berit*) no Sinai. YHWH, pois, não pode faltar com sua palavra, com sua promessa de auxílio (CORDERO; RODRIGUEZ, 1967, p. 597). O salmista tem consciência do poder soberano de YHWH, que habita os céus e de lá é juiz supremo sobre todas as criaturas, sem que ninguém resista à sua vontade.

Frente a YHWH nada podem os ídolos; eles são desprovidos de poder algum. São eles simulacros de prata e ouro, obras dos homens, e, como tais, não podem assistir a seus fiéis, pois não têm vida. O salmista diz: “aqueles que os fazem ficam como eles, todos aqueles que neles confiam” (v. 8). Assim, todo aquele que confia sua existência a um ídolo de madeira ou metal se torna, em sua vida toda, um ser incapaz de agir, tomar iniciativas, e lutar pela justiça – *a tsedaqna*. A estupidez dos ídolos é transmitida aos idólatras, suas vidas são inconsistentes e estão na contramão do projeto de YHWH.

O narrador do Sl 135, 15-21 também censura a inabilidade dos ídolos, lembrando que aqueles que os cultuam tornam-se semelhantes a eles. O autor encerra convidando a todo Israel a reconhecer e agradecer os benefícios do Senhor com cantos de alegria em seu santuário. Em Sião, onde há uma morada, o Senhor, de lá envia suas bênçãos continuamente ao povo. No Sl 96, 4-5, o salmista diz: “YHWH é grande e muito digno de louvor, mais terrível que todos os deuses! Sim, os deuses dos povos são aparência; enquanto YHWH fez o céu”. O narrador bíblico lembra a impotência e efemeridade dos ídolos, pois a Criação só pode ser fruto da *dabar* (palavra performática) de YHWH, o único que tudo pode criar.

Segundo Ceresko, o discurso sobre a insensatez da idolatria no livro da Sb 13-15 representa a secção mais apologética do livro. O narrador descreve

quatro formas de culto idólatrico, chegando ao ápice em sua descrição e condenação do culto aos animais.

Sb 13,1-9 narra a primeira forma de idolatria, o culto à natureza. Tal culto se referia aos astros (sol, lua, estrelas) e elementos da natureza (fogo, vento, água). Deixar de cultuar a Deus em detrimento da natureza consistia em uma crassa insensatez. As pessoas presas à criatura são incapazes de ver as mãos do Criador.

Outra forma de idolatria estava ligada à atribuição do poder divino às imagens de madeira (13,10-14,11) e de argila (15,7-13), construídas por mãos humanas. O cúmulo da insensatez leva a oferecer orações a um pedaço de maneira inerte e sem vida. O narrador é severo. Ele utiliza-se das palavras mais ásperas, em 15,14-19, para dizer aos egípcios que discriminam e perseguem o povo. Eles não cultuavam apenas imagens materiais, mas criaturas repulsivas como as serpentes: “eles adoram até os animais mais repugnantes, que comparados com outros, são mais estúpidos. Esses animais não têm nenhuma beleza que os torne atraentes” (vv. 18-19).

Segundo Cordero, Sb 13 denuncia uma forma de desvio de conduta. Pois, a inteligência foi dada ao ser humano para que conhecesse o Criador e se lhe tributasse a adoração devida. Quem não cumpre, por sua vez, tal missão é francamente um insensato, pois falha na razão fundamental de sua existência. Suas faculdades naturais deveriam conduzi-lo ao conhecimento de Deus, e, em consequência, ao culto e à práxis da justiça.

O autor bíblico reflete sobre a culpabilidade moral dos que adoram as belezas e forças da natureza (vv.6-9). Estes não são reprovados com tanta severidade como os idólatras de que o autor falará depois, “que adoras as obras mesmas de suas mãos”. Buscam a Deus, que é a causa última dessas belezas que resplandecem a Criação, a força que ostentam os fenômenos extraordinários da natureza a que dirigiam sua investigação, se bem se permaneceram nelas sem remontar-se a Deus, sua causa suprema.

Os idólatras, que permanecem fixos nas coisas produzidas por suas próprias mãos, não são capazes de transcender ou sair de si mesmos. A idolatria está estritamente ligada à egolatria, ao ato da supervalorização do “ego”, do ser como fim em si mesmo. A egolatria é o direcionar-se do ser sobre si mesmo, esvaziando a perspectiva da alteridade, do encontro com o outro e como Grande outro.

A condenação de tal atitude, por parte do sábio, desperta a preocupação ética, “da casa comum do ser”. Pois, o ser humano é constituído pela relação.

A idolatria é a não-relação, é o fechamento do ser nas coisas por ele produzidas, por ele imaginadas. A idolatria conduz à bancarrota a verdadeira religião, que é *a priori* uma atitude de re-ligar o ser ao mundo, ao outro, e a Deus, o supremo Criador.

Em Sb 13, 10-19, o sábio adverte à aberração suprema da idolatria: os que se dedicam à divinização das obras construídas pelas próprias mãos e colocam suas esperanças em tais ídolos. Tais pessoas desvirtuam o sentido da fé. A abertura ao Criador é rechaçada pelo excelso egoísmo, que destrói o coração e as relações éticas interpessoais. Pois aqueles que colocam as coisas acima das pessoas negam a própria criação de Deus.

No capítulo 14, 1-14, o autor bíblico ridiculariza a atitude do navegante que, dispondo-se a uma travessia arriscada, invoca a um lenho, mais frágil que sua própria embarcação, para salvá-lo. Pois geralmente os navios, segundo Cordero, levavam em sua proa um ídolo ((CORDERO; RODRIGUEZ, 1967, p. 1043). Paulo, em At 28,11, afirma que durante três meses navegou em uma embarcação que tinha Dióscuros como patrono e emblema.

O sábio conclui a digressão sobre a providência de Deus na navegação bendizendo o lenho do que fez uso bom e reto, como no caso da arca construída por Noé: “Bendita seja a madeira pela qual vem a justiça! Contudo, maldito seja o ídolo feito por mãos humanas e aquele que o fabricou. Este, por tê-lo feito; e o ídolo, porque, sendo corruptível, foi considerado como deus”.

Sb 14,12-14 diz que a invenção dos ídolos deu gênese à prostituição e a descoberta da idolatria introduziu, na vida humana, a corrupção. O sábio, afirmando categoricamente, alega que tais ídolos não existiam no princípio, e nunca existirão. Mas, por causa da vaidade dos homens, tais ídolos entraram no mundo, no entanto, seu fim já está decretado.

O sábio diz que a idolatria tem seu início no âmbito familiar: “Um pai, atormentado por um luto prematuro, manda fazer uma imagem do filho tão cedo arrebatado. Agora honra como deus aquele que antes era apenas um homem morto, e transmite para as pessoas de sua casa ritos secretos e cerimônias. Com o tempo, esse costume ímpio se vai arraigando, e é observado como lei” (vv. 15-16).

A idolatria, desvio de vida e teologia, conduz a uma lei caduca, a qual é geradora e mantenedora de injustiça. A corrupção, fruto de tal idolatria, arraiga-se na sociedade, tal como nos tempos hodiernos. O dinheiro, fruto do trabalho humano, meio e não fim último, tornou-se o grande “deus” da

sociedade moderna, os *shoppings* se tornaram templos, nos quais se encontra a satisfação, o gozo da aquisição, quase “mística” do ato de consumir. Para o sábio atual, não há um meio termo, uma terceira via, ou se serve a Deus ou, então, ao dinheiro (Lc 16,13).

O sábio afirma ainda que a idolatria foi se constituindo a partir da ordem dos soberanos que obrigavam seus súditos a venerarem uma estátua no lugar de sua ausência (v.17). No entanto, tal veneração, culto desenfreado, teve sua origem na ganância dos artesões (v.18). O artista, com sua ciência e ganância, se esforçava por tornar o rei mais atraente do que era no real (v.19). Os cidadãos comuns, atraídos pelo encanto da obra, dobravam seus joelhos em adoração àquele que era apenas um homem (v. 20). A desgraça maior estava em colocar o nome do incomunicável em uma pedra ou madeira, obra das mãos humanas (v. 21).

O drástico divórcio entre fé e vida se confirma na história do paganismo e, às vezes, mesmo, na história de Israel, que frequentemente comete idolatria. A estas conseqüências dedica o autor a última parte do capítulo (vv. 22-31) (CORDERO; RODRIGUEZ, 1967, p. 1047).

22 Não bastou a estes homens errar no conhecimento de Deus. Eles vivem também na grande guerra da ignorância, e dão ainda a esses males o nome de paz. 23 Celebram iniciações onde matam crianças ou realizam mistérios ocultos, ou ainda fazem banquetes orgiásticos com rituais estranhos. 24 Não conservam pura nem a vida, nem o casamento, e cada um elimina o outro por traição ou aflige-o com adultério. 25 Por toda parte há uma grande confusão, sangue e crime, roubo e fraude, corrupção e deslealdade, revolta e perjúrio, 26 perseguição contra os bons e esquecimento da gratidão, impureza das almas e perversão sexual, desordens no casamento, adultério e libertinagem. 27 A adoração de ídolos sem nome é princípio, causa e fim de todo o mal. 28 De fato, os ídólatras entregam-se a divertimentos até o delírio, ou profetizam a mentira, ou vivem na injustiça, ou perjuram com facilidade. 29 Colocando sua confiança em ídolos sem vida, eles não esperam castigo nenhum por terem jurado falso. 30 A sentença, porém, os atingirá por dois motivos: porque, seguindo os ídolos, tiveram falsa concepção de Deus, e porque, desprezando a santidade, juraram falso. 31 De fato, o que persegue sempre a transgressão dos injustos não é o poder daqueles por quem se jura, mas o castigo mesmo, que é reservado aos pecadores.

Ao estado moral desolador, ao qual a ignorância a respeito do verdadeiro Deus, e ao culto dos ídolos o autor os chama de *grande guerra da ignorância* entre o bem e o mal. Tal realidade é, para o sábio, um estado de violência.

Na continuação, o autor enumera as desordens a que se entregaram os gentios, algumas quais foram antes mencionadas (12,5; cf. também Rm 1,26-

32 e Gal 5,19-21). Em honra de Ceres, Cibele, Vênus, Baco, Priapo, se celebraram *mistérios* ocultos em lugares clandestinos dos templos, ordinariamente à noite. Após os banquetes sagrados noturnos, afirma Cordero, os pagãos se entregavam às desenfreadas orgias e a certa espécie de fúria ou frenesi para honra dos deuses. Consequentemente, ocorriam assassinatos brutais (v. 25), como o faz constar Tito Lívio (Tit. Liv., 39,8) a respeito das *bacanaís* da Roma antiga; toda classe de imoralidade, até o adultério e o incesto². Ademais, o autor elenca outros pecados contra a justiça e a caridade, como o roubo e o falso testemunho, em que sem escrúpulos incorrem os homens, convencidos de que nenhum mal pode lhes vir de deuses sem vida (CORDERO; RODRIGUEZ, 1967, p. 1048); os que, por sua vez, foram enganados pelos rituais e formas de experiência de Deus helenistas constituíram uma fé ínfima, sem implicações éticas, tal qual a fé de muitos cristãos hodiernos, que acreditam piamente em horóscopos, tarôs, quiromancia, e outras formas de esoterismo.

No entanto, aqueles que incorrem em tais condutas receberiam um duplo castigo, em atenção de sua idolatria, que supõe ignorância superável, e a causa do perjúrio com que se menospreza a santidade divina, e que a mesma lei moral inscrita no coração do homem condena (Ex 20,7; Rm 2,12-16). Se estes idólatras fogem do poder dos ídolos, não escapariam jamais da justiça divina, que não deixaria impune a prevaricação dos ímpios.

No capítulo 15, por outro lado, especialmente nos vv. 1 a 6, o sábio afirma a bondade e a fidelidade de Deus. Corrobora ainda que todos se consideram de Deus e reconhecem o seu poder. “Sabendo que pertencemos a ti, não pecaremos mais” (v. 2b). Após, portanto, o autor ter objetado contra a moral idolátrica dos pagãos e anunciado o castigo iminente, ele canta agora a felicidade dos israelitas, a quem se revelou o verdadeiro Deus, livrando-os do culto aos ídolos. Os ídolos dos povos vizinhos são um nada perante YHWH, o Deus de bondade. Ele ama seu povo e o livra das abominações idolátricas. Javé é fiel cumpridor das promessas feitas aos antepassados, que não castiga seu povo, senão espera pacientemente o arrependimento e o perdão de coração. Ele tem consciência do povo que elegeu e do poder que tem para castigar. Isto os impulsiona a serem fiéis a ele e evitar as impiedades, conseqüências da idolatria, o desvio da práxis e da fé.

² “Ius est apud Persas misceri cum matribus, Aegyptiis et Athenis cum sororibus legitima connubia. Memoriae et tragediae vestrae incestis gloriatur, quas vos libenter et legitis et auditis. Sic et deos colitis incestos, cum matre, cum filia, cum sorore coniunctos”. (MINUNCIO FÉLIX, *Octav.* 31; cf. TERT., *Apol.IX*).

O conhecimento de Deus, por parte de Israel, não é apenas especulativo e teórico. É, senão, tradução de uma vida prática conforme a vontade de YHWH: é justiça perfeita (v. 3). No NT, com Jesus de Nazaré, expressa-se esta mesma verdade quando afirma: “esta é a vida eterna, que te conheçam a ti único Deus verdadeiro, e a teu enviado Jesus Cristo” (Jo 17,3). Devido este conhecimento, Israel não se extraviou pelas sendas da idolatria, seduzido pela arte das imagens ou da pluralidade de suas cores. O conhecimento de Deus é garantia de imortalidade, é condição de possibilidade para a justiça perfeita, é, portanto, caminho para a felicidade escatológica. É certo que os israelitas desencaminharam, às vezes, da verdade atrás de ídolos, mas foi algo passageiro e que sempre voltou ao reto caminho e a elite religiosa se manteve fiel ainda naquelas ocasiões em que a massa prevaricava.

É notável, por outro lado, diz Cordero, que o sábio idealiza a história do povo escolhido, apresentado-o do ponto de vista da eleição por parte de Deus e sua destinação sobrenatural, vendo o lado bom da conduta de Israel, deixando de lado as sombras do pecado, suas idolatrias e corrupção.

O perigo da idolatria sempre rondou Israel, o Povo de Deus. No deserto, cansados, pedem a Aarão que lhes construam uma estátua. A idolatria é geradora de imoralidade, de injustiça e de morte. A história, por sua vez, deixa claros indícios de imoralidades cometidas a partir do culto aos ídolos e das estátuas fundidas por mãos humanas.

O narrador bíblico conclui que os amantes da idolatria e da imoralidade merecem ver frustradas suas esperanças, postas em deuses vãos, e são dignos do castigo do Deus verdadeiro por tributarem aos ídolos o culto que só a Deus poderia ser correspondido.

Dos vv. 7 -13, o autor se dedica a criticar os que amassam com fadiga a terra mole e fabricam vasos para o uso nobre e para fins impróprios. As mãos que modelam os vasos fabricam também os ídolos, uma divindade falsa. Na morte, Deus pedirá contas da vida do idólatra. A idolatria corrompe as instâncias internas do sujeito, pois ele se vê cada vez mais implicado a pecar, competindo até mesmo com aquele que modela o ouro e a prata. A vida de tais pessoas vale menos que um barco. A vida do idólatra é desprezível: “vale menos do que o barro, porque não reconhece aquele que o modelou, lhe infundiu a alma ativa e lhe inspirou sopro vital” (v.10b-11). O oleiro, pecador idólatra, reconhece a vida como um jogo de interesses lucrativos. Ele até mesmo tira proveito do mal (v. 12). Ele tem consciência de seu pecado, “fabrica de matéria terrestre vasos frágeis e estátuas de ídolos” (v.13b)

O sábio, no v.14, diz que os inimigos que oprimem o povo são insensatos e infelizes, e suas almas são de criança. Eles consideram como deuses os ídolos pagãos. Por outro lado, os deuses não têm poder, não podem ver, nem sentir odor, são incapazes de caminhar (v. 15).

Os ídolos são incapazes de alguma coisa porque foram criados por aqueles que receberam do Criador o hálito da vida. “Nenhum homem pode plasmar um deus que lhe seja semelhante” (v.16).

No v. 17b, o autor afirma a superioridade do homem em relação aos ídolos e a todas as obras da idolatria. “O homem é melhor do que os objetos que ele adora. O homem, pelo menos, tem a vida; mas os ídolos jamais a terão”. Com esta afirmação, já no final da perícopes, o sábio quer resgatar a dignidade do homem, criado à imagem e semelhança de Deus (Gn 1,27). O homem é, indubitavelmente, maior que a criação de suas próprias mãos. Ele é o único capaz de conhecer e amar a Deus, pois foi o único ser criado que recebeu o elogio e a bênção do Criador.

Por conseguinte, o sábio condena os idólatras dizendo: “adoram até os mais repugnantes animais que, comparados com outros, são mais estúpidos. Esses animais não têm nenhuma beleza que os torne atraentes, como acontece com os outros animais, e não tiveram o elogio e a bênção de Deus” (vv. 18-19).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sábio é um apaixonado pela vida e pela humanidade. Nessa perspectiva, ele se depara com o Criador que o convoca sempre mais para uma atitude coerente e fiel com seu plano de amor, pensado nos traços do projeto criacional. YHWH convida o homem a reverenciá-lo como único Deus, propondo um caminho novo a seguir, pautado no direito, na justiça, na ética, no valor supremo que é a vida.

Assim, pode-se averiguar que, o movimento sapiencial, grosso modo, tende a conectar as consequências da relação com YHWH e as realidades vividas no cotidiano. A tentativa do sábio é estipular um caráter ético para aquele que experimenta da limitação e das potencialidades antropológicas. O que Deus quer, pela boca do narrador bíblico sapiencial, é que do homem seja fiel, ame o próximo e com isso seja amado também. Mas sempre, e sobremaneira, adorando YHWH como o Deus-Criador. Portanto, desta relação como Deus, chega-se à máxima que o homem só se prostre diante do seu Criador e jamais diante das criaturas, frutos de suas mãos.

Destarte, a verdadeira religião de Israel, pensada a partir do movimento sapiencial, é conhecer a Deus, como único e verdadeiro, adorando-o na vida, nos pormenores da história, nas condutas, na ética, no lugar comum: na “casa” chamada humanidade.

REFERÊNCIAS

BIBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2000.

CERESKO, A. R. *A sabedoria no Antigo Testamento*: espiritualidade libertadora. São Paulo: Paulus, 2004.

CORDERO, M. G.; RODRIGUEZ, G. P. *Bíblia comentada*: Libros sapienciales. 2.ed. Madrid: BAC, 1967.

FOHRER, G. *História da religião de Israel*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1982.

Recebido em 23/08/2012

Aceito em 03/09/2012